



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

#### OS RANKINGS ACADÊMICOS INTERNACIONAIS: GÊNESE E RELEVÂNCIA

*Sonia Pereira Laus - UDESC*

*Dalva Magro - UDESC*

**Resumo:** O presente artigo pretende oferecer um quadro compreensivo do recente fenômeno do sistema de classificação de universidades iniciado na China e que invade e mobiliza os círculos acadêmicos internacionais na primeira década do século XXI. Nos últimos anos, as universidades têm buscado se adequar às demandas do mundo contemporâneo e àquelas dos agentes financiadores nacionais e internacionais, buscando se internacionalizar na busca do cobiçado título do que se convencionou chamar de “universidades de padrão mundial”, mas também tentando não perder seu compromisso com a pertinência, qualidade e compromisso social. Essas questões estão presentes nos diversos rankings acadêmicos e permeiam as ações dos organismos que os promovem em busca de critérios para sua elaboração de forma a refletir um real panorama do sistema acadêmico internacional que sirva de parâmetro aos usuários e agentes da educação superior. O estudo apresenta os principais rankings acadêmicos internacionais, seus elementos de avaliação e ressalta a posição das Universidades brasileiras nos mesmos.

**Palavras-chave:** *rankings* acadêmicos, educação superior, universidades.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### ***Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad***

Um tema ainda pouco estudado no país, mas em grande evidência no cenário acadêmico internacional, é aquele dos sistemas de classificação das universidades. Os *rankings* acadêmicos internacionais têm aparecido, desde o início dos anos 2000<sup>1</sup>, como um instrumento extremamente valorado no processo de internacionalização das instituições de educação superior.

É verdade que excelência, reputação, reconhecimento, fama, marca e imagem são conceitos que têm um valor mais simbólico que material, principalmente quando aplicados à educação superior e às funções que ela desempenha, mas há ampla evidência que essas características têm sido levadas em consideração no caso de decisões tanto individuais- dos alunos e suas famílias, quanto de grupos- agências financiadoras nacionais e internacionais, no momento de optar por uma IES.

Sendo o *ranking* uma abordagem estabelecida, com metodologia e procedimentos correspondentes, para exibir a posição comparativa do total das instituições ou certas facetas de seu desempenho (SADLAK, 2006, p.2), ele tem sido usado também como *benchmarking*, tal qual referido por Sebastián (2004), ao analisar os possíveis instrumentos para a internacionalização das IES. Nesse sentido, é utilizado como uma ferramenta para o autodesenvolvimento da instituição, combinando a possibilidade de desenvolver as respectivas provisões para a certificação de qualidade, principalmente à base da auto avaliação, comparação, troca de boas práticas, no “espírito de colaboração” contido nos documentos da UNESCO (1998).

Por outro lado, os *rankings* das melhores universidades mundiais são instrumentos que conferem visibilidade internacional às instituições e vêm encorajando a competição entre as IES no nível nacional e internacional em sua busca do que se convencionou chamar de “universidades padrão mundial”, do inglês *world class universities*.

Promovidos por diversas entidades (mídia, agências governamentais, organismos de credenciamento, etc.) os mais respeitados internacionalmente são o Ranking Acadêmico das Universidades Mundiais, (tradução nossa) do inglês *Academic Ranking of World Universities*, cuja sigla é ARWU, promovido pela *Shanghai Jiao Tong University*, também conhecido como *Shanghai ranking* ([www.arwu.org](http://www.arwu.org)), publicado desde 2003 e seu similar europeu promovido pelo *Times Higher Education Supplement*, cuja sigla é TEHS (<http://www.timeshighereducation.co.uk/>), publicado anualmente desde o ano de 2004. Ambos avaliam as IES com base em sua pesquisa, tendo como critérios produtividade, impacto e excelência na investigação científica. O primeiro é forte na identificação daquelas de alto desempenho, tanto na América do Norte quanto na Europa e está baseado na premissa de que a pesquisa é determinante para a universidade. Sua origem remonta ao momento em que a China decidiu criar universidades de nível internacional e necessitou definir os critérios de excelência para as mesmas<sup>2</sup>. Entre seus principais indicadores estão o número de prêmios *Nobel* existentes na IES, de medalhas *Fields*, (*Nobel* na área de matemática) e de artigos

---

<sup>1</sup> Embora seja considerada uma invenção norte-americana e exista desde o início do século XX, segundo SADLAK, 2006, p.1

<sup>2</sup> Embora também se afirme que um de seus objetivos fundadores tenha sido o de estabelecer um referencial internacional como balizador para o envio de estudantes chineses para qualificarem-se no exterior.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### ***Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad***

publicados em revistas científicas como "*Nature*" e "*Science*". Esse *ranking* tem sido bastante criticado em todo o mundo sendo que a Europa, especialmente na França, denuncia sua avaliação voltada para a pesquisa, principalmente aquela relacionada às ciências da vida e às chamadas *hard sciences*, em detrimento da formação dos estudantes e a não valorização de publicações em outras revistas científicas.

Já o segundo, segue um conjunto diferente de indicadores, baseados na opinião de especialistas, incluindo algumas medidas da qualidade da educação, embora, se caracterize como mais espelhado nas IES britânicas, modelo quase nunca exequível àquelas de fora da Europa, principalmente às de países periféricos (SAISANA, M; D'HOMBRES, B., 2008)

Também na Espanha, o Laboratório de Cibernetria do Conselho Superior de Investigación Científica (CSIC), que é uma agência estatal ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia daquele país, produz um importante instrumento de avaliação internacional das IES, com base no estudo quantitativo do processo de comunicação acadêmica através da internet que é o *Ranking* Mundial de Universidades na Web, conhecido como *Webometrics*<sup>3</sup>. Este se caracteriza como uma pesquisa realizada desde 2004 e publicada duas vezes por ano, em janeiro e julho, usando indicadores cientométricos (número de trabalhos publicados e citações, relatórios e outros documentos com extensão pdf, ps, doc, ppt, nos últimos 10 anos) e baseado em diferentes aspectos da presença das instituições na *web*, tais como visibilidade, tamanho, produtividade e impacto. Entre seus critérios estão incluídos indicadores de pesquisa e de qualidade referentes ao desempenho de estudantes e docentes, além da visibilidade e o desempenho global da instituição medido pelos acessos, via internet, aos artigos por elas produzidos, o que acaba por penalizar a visibilidade internacional daquelas que não possuem sites em língua inglesa, considerada como língua franca da *web*. Seus organizadores consideram a presença de uma instituição de ensino e pesquisa na *web* um indicativo de sua excelência e de seu comprometimento com a disseminação do saber. Esse *ranking* classificava as seis mil melhores instituições no plano mundial até 2009, sendo que em janeiro de 2010 aumentou esse número para oito mil, em julho do mesmo ano para 12 mil e em 2011 para 20 mil.

Além dos clássicos já citados, existem aqueles que avaliam outros indicadores acadêmicos, como por exemplo, a produção científica, como o *Scimago Institutions Ranking*, cuja sigla é SIR<sup>4</sup>, que avalia o número de publicações, documentos citáveis e citações. Existem ainda inúmeros outros *rankings*, sempre com a função de oferecer informações sintéticas para pais e estudantes. Entre eles estão o *QS World University Ranking* (QS, 2011), publicado desde 2004 pela *Quacquarelli Symonds Limited*, que apresenta classificações de IES por áreas de conhecimento, o do *Center of Excellence for Women in Science* (CEWES), da Alemanha e aqueles voltados para cursos de graduação e pós-graduação em áreas específicas. Podemos também citar o *Ranking of World Repositories Top 300 Institutions*, que atribui notas às

---

<sup>3</sup> [www.webometrics.info](http://www.webometrics.info)

<sup>4</sup> <http://www.scimagoir.com/>



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### ***Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad***

instituições por meio das bibliotecas digitais de dissertações e teses e o *Performance Ranking of Scientific Paper for World Universities*, do *Higher Education Evaluation & Accreditation Council of Taiwan*<sup>5</sup>.

Sabe-se que no meio acadêmico internacional se tem questionado a objetividade desses sistemas atuais de categorização, não obstante os mesmos terem se convertido num fenômeno global e sejam utilizados para os propósitos mais diversos, que vão desde a escolha de uma instituição pelos estudantes, a possibilidade de estabelecer ações de cooperação entre as IES e centros de pesquisa, a obtenção de recursos públicos e privados para seus propósitos ou estimular a concorrência e até para a consecução de credenciamentos nacionais e internacionais. A comprovação da relevância atribuída a tal fenômeno pode ser amplamente comprovada em sua visibilidade empírica no meio acadêmico como por ações concretas como as relatadas por Sadlak (2006) do uso de *rankings* internacionais focados em desempenho de pesquisa e prestígio acadêmico pela Comissão Europeia para seus financiamentos, bem como por países que percebem o desempenho de suas universidades como insatisfatórios ao que almejam chegar. O que se constata é o aumento crescente da percepção de que não é incomum constatar-se atualmente que conseguir uma posição de liderança entre as instituições acadêmicas inclui (além dos requisitos usuais como visão, liderança, interesse em empreendedorismo e inovação) qualidades derivadas dos objetivos do *ranking* como aquele de “favorecer/criar a excelência internacional”.

Há que se ter em conta que a adoção dos *rankings* e a ampla discussão internacional que veem causando, principalmente no meio acadêmico europeu, também devem ser vistos como um reflexo do avanço do Processo de Bolonha no âmbito daquele continente, o qual apresenta sua dimensão externa e todo o impacto que a classificação de suas universidades pode causar na política traçada pelo Conselho Europeu no âmbito da Estratégia de Lisboa<sup>6</sup>, corroboradas pelas posteriores diretrizes da Comissão Europeia, sintetizadas no documento *European Higher Education in the World*<sup>7</sup>. Tal processo, resultante da Declaração de Bolonha, adotada em junho de 1999 por 29 países e hoje por mais de 30 (a maior parte dos atuais membros da União Europeia, os estados bálticos e a Suíça), é o principal instrumento para a criação e consolidação do Espaço Europeu de Educação Superior (EEES). Nesse, a mobilidade de estudantes e jovens pesquisadores, tanto continentais como estrangeiros será facilitada, evitando o que se convencionou chamar de fuga de cérebros, principalmente para os Estados Unidos e tornando as universidades europeias mais atrativas e competitivas.

<sup>5</sup> [www.ranking.heeact.edu.tw](http://www.ranking.heeact.edu.tw)

<sup>6</sup> Adotada pelo Conselho Europeu na Cimeira de Lisboa de março de 2000, durante a presidência portuguesa da União Europeia, visando transformar aquele bloco “na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento econômico sustentável, com mais e melhores empregos e com maior coesão social”. (PORTUGAL, 2010)

<sup>7</sup> [http://ec.europa.eu/education/higher-education/doc/com499\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/education/higher-education/doc/com499_en.pdf)



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

Entre os objetivos do Processo de Bolonha estão: (i) alcançar uma convergência nos programas de graduação e pós-graduação na Europa, (ii) facilitar a mobilidade de estudantes e docentes, (iii) adotar o sistema de transferência de créditos europeus, (iv) estimular a criação de processos para assegurar a qualidade das universidades, (v) promover a aprendizagem ao longo da vida, (vi) promover mundialmente o sistema europeu de universidades.

As intenções para a criação do EEES foram reiteradas pela Estratégia de Lisboa, lançada em reunião do Conselho Europeu naquela cidade, em março de 2000, dando à União Europeia um novo marco jurídico e proporcionando uma série de ferramentas com o objetivo de alcançar uma Europa mais democrática, transparente e eficaz. O referido documento definiu, entre os objetivos da União Europeia, alcançar, até o ano de 2010, a posição de economia do conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo<sup>8</sup>.

Frente a essas políticas e em meio às especificidades avaliadas pelos principais *rankings*, os europeus, passaram a ver suas universidades avaliadas em posição de desvantagem frente as norte americanas, o que pôs em xeque o seu sistema de ensino superior. Tal constatação desencadeou uma reação quanto aos indicadores utilizados, com as IES europeias buscando uma definição de qual tipo de universidade se configuraria como melhor para seus países.

Por outro lado, a constatação do crescimento de sua importância no cenário acadêmico internacional e as inúmeras polêmicas que os *rankings* acadêmicos vinham desencadeando, levou o Centro Europeu para a Educação Superior da UNESCO (UNESCO-CEPES) e o Instituto para a Política em Educação Superior de *Washington* a criarem, em 2004, o *International Ranking Expert Group* (IREG).<sup>9</sup>

Em sua segunda reunião, realizada em maio de 2006 em Berlim, o IREG acordou em considerar um conjunto de dezesseis princípios para a análise dos seguintes itens pelos *rankings*: a) os propósitos e objetivos dos sistemas de classificação, b) a metodologia: o desenho e peso dos indicadores, c) a coleta e processamento dos dados e d) a apresentação dos resultados.

Tais princípios deveriam reger a qualidade e boas práticas na classificação das instituições de educação superior, do ponto de vista nacional, regional, ou mundial e ficaram conhecidos como Princípios de Berlim sobre *Rankings* de Instituições de Educação Superior.

### Os Princípios de Berlim

#### a) Propósitos e Objetivos

<sup>8</sup> Ao não serem alcançados os objetivos previstos para 2010, dilatou-se o prazo para alcançar tal intento até 2020.

<sup>9</sup>IREG. Disponível em:

[http://www.ireg-observatory.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=65&Itemid=112](http://www.ireg-observatory.org/index.php?option=com_content&task=view&id=65&Itemid=112)

Consulta em: 30 out.2009.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### ***Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad***

- *Rankings* não devem ser a única maneira pela qual as instituições de ensino superior são avaliadas, mas devem complementar o trabalho do governo e outros órgãos supervisionando o ensino superior.
- Compiladores devem ter seu grupo-alvo, a finalidade da tabela classificatória em mente e desenvolver seu sistema de classificação de acordo com tais requisitos - não há um tamanho único. Nesta perspectiva, os compiladores devem reconhecer a diversidade, tendo as diferentes missões e objetivos das instituições de ensino superior em conta e consultar frequentemente especialistas e as próprias instituições.
- Compiladores devem indicar quais as fontes de dados são usados no *ranking* e serem claros sobre a mensagem que cada fonte transmite. É considerado como uma boa prática combinar as diferentes perspectivas fornecidas por várias fontes, a fim de obter uma visão mais completa de cada instituição.
- *Rankings* internacionais, em particular, devem levar em conta as características específicas de diferentes sistemas de ensino superior, acordando com o fato de que as noções de qualidade não são necessariamente compartilhadas por diferentes países ou sistemas.

#### **b) Metodologias** (*design* e ponderação dos indicadores):

- Compiladores precisam ser transparentes sobre suas metodologias e escolha dos indicadores de acordo com sua relevância e a validade (ou seja, em vez de contar o que é medido, medir o que contam).
- Compiladores precisam medir, sempre que possível, os resultados, em vez de insumos, especificar os pesos atribuídos aos indicadores diferentes (se usados) e limitar quaisquer alterações destes.

#### **c) Coleta e Tratamento de Dados**

- É recomendável o uso de dados auditados e verificáveis, sempre que possível, incluindo os que são coletados de acordo com procedimentos reconhecidos de coleta de dados científicos (para evitar erros), a aplicação de medidas de garantia de qualidade para a classificação própria e medidas organizacionais que reforcem a credibilidade de classificação, tais como conselhos consultivos.

#### **d) Apresentação dos Resultados do *Ranking***

- Compiladores são recomendados a fornecer aos usuários uma compreensão clara de todos os fatores utilizados para desenvolver uma tabela classificatória e permitir aos usuários escolher a forma como o *ranking* é exibido (e, idealmente, como as variáveis devem ser ponderadas).



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### ***Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad***

- **Rankings** devem ser compilados em uma forma que elimine ou reduza os erros nos dados originais e ser organizados ou publicados em um formato que permita que os compiladores façam as correções, caso sejam necessárias, e para que os usuários do *ranking* possam ficar cientes delas.

Fonte: (SAISANA, M; D'HOMBRES, B., 2008, p.93) tradução nossa.

Os princípios de Berlim passaram a ser adotados, nos últimos anos, em um modelo chamado de classificação multidimensional, pelos principais organismos que, ano a ano, publicam as classificações em nível nacional, regional ou mundial. Não em todos os casos, centram sua atenção nos padrões acadêmicos ou nos papéis que as IES desempenham na sociedade e nos sistemas educativos em que estão inseridas, já que os parâmetros para medir a qualidade das IES e, por fim, sua “classe ou qualidade mundial”, não podem ser aplicados sem levar em conta as suas especificidades.

O que se infere dessas classificações já mundialmente conhecidas é que elas requerem das IES recursos substanciais, tanto públicos como privados, parecendo seus parâmetros terem sido pensados por e para as universidades dos países de língua inglesa. Tais requisitos dificilmente podem ser alcançados por universidades que, mesmo com qualidade em suas funções precípuas (de ensino, pesquisa e extensão), além de bons programas de cooperação internacional, não estão localizadas em países centrais, de língua inglesa (a língua franca do meio acadêmico no mundo global e, portanto, facilitadora da mobilidade acadêmica para estudantes e pesquisadores) e sem recursos suficientes para concorrer com aquelas de reputação já consolidada como “de classe mundial”. Por outro lado, principalmente no caso do ARWU, a assunção de que a pesquisa e principalmente aquela em ciências exatas é um fator determinante da qualidade acadêmica, deixa de lado a diversidade existente no universo da educação superior, onde, em atenção às especificidades regionais/ institucionais muitas têm excelência em outras funções, como a do ensino, pouco valorizado pelos *rankings* acadêmicos.

#### **A inserção das IES brasileiras nos *rankings* internacionais**

Nas edições do ARWU de 2009, 2010 e 2012, estavam listadas cinco IES brasileiras entre as 500 melhores do mundo (USP, UNICAMP, UFMG, UFRJ, UNESP e UFRGS). Já entre as *Top 200* do THES, aparecia apenas a USP, em 175º lugar em 2007, em 196º em 2008, nenhuma universidade brasileira em 2009 e em 2010 e novamente a USP em 158º lugar em 2012 onde também aparece ranqueada como a primeira entre as IES latino-americanas .

Por outro lado, dados de Julho de 2010 do *Webometrics* apontavam a USP em 122ª colocação entre as doze mil melhores universidades do mundo e a UNICAMP, na 239ª. Neste mesmo ano, a UFSC aparecia naquele *ranking* como a primeira entre as Universidades Federais do Brasil e a 6ª entre as IES latino-americanas, precedida pela USP em 2º lugar e a UNICAMP



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### ***Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad***

em 4°. Já os dados de Janeiro de 2010 do mesmo *ranking* apontavam que a primeira instituição brasileira entre as 500 melhores do mundo era a USP, em 53ª colocação e a segunda a UNICAMP, em 143º lugar. Ambas se mantiveram entre as primeiras desde janeiro de 2009, sendo que a primeira caiu em relação à 38ª posição que ocupava em Julho de 2009, mas subiu em relação a 87ª que ocupava em Janeiro daquele ano. Já a segunda caiu em relação ao 115º que ocupava em Julho de 2009, mas subiu em relação ao 159º lugar que ocupava em Janeiro daquele ano. No ano de 2012 o mesmo *ranking* aponta a USP como a 31ª entre as IES do mundo além de apontar seis IES brasileiras entre as Top 10 da América Latina: USP, UNICAMP, UFMG, UFRJ, UFRGS e UnB.

Partindo da constatação que as Universidades dos Estados Unidos da América dominam o topo das classificações citadas, o que se percebe é que tais posições passaram a provocar uma corrida entre as IES dos países do Norte, mas também entre aquelas que se destacam nos países do Sul, na busca de padrões que as mantenham ou incluam nessas listas.

Tendo em vista que comparações com as universidades norte-americanas e europeias não seriam as mais coerentes, optamos por enfatizar neste texto os dados do *Webometrics* pelo fato de ser este o *ranking* acadêmico pelo qual se pode ter uma melhor visão do posicionamento das IES brasileiras frente às suas congêneres internacionais, embora, se atentarmos para o também já citado *Scimago Institutions Ranking* (SIR), que avalia o número de publicações, documentos citáveis e citações, veremos que ali o Brasil ocupava a 14ª posição entre os países de maior produtividade científica, já que registrou 34.145 publicações, teve 32.829 documentos citáveis e 38.237 citações em 2008 no *Scopus*, que é a maior base de dados científicos do mundo. Tal posição o colocava atrás de países desenvolvidos como os EUA (1º), Inglaterra (3º), Alemanha (4º) e Japão (5º), mas também de alguns em desenvolvimento, já que, só com referência aos BRICS, a China aparecia em 2º lugar - com um amplo crescimento de sua produção científica, representado por 230.000 publicações em 2008- e a Índia em 10º, embora a Rússia estivesse em 15º. Estes mesmos números podem nos dar outra dimensão desse quadro, ou seja, mesmo com apenas cerca de 650 pesquisadores por milhão de habitantes, o número de artigos científicos publicados por brasileiros representava 54% do total publicado na América Latina e 2,63% daqueles publicados no mundo.

Repetindo o que fazem o ARWU, o THES e o *Webometrics*, também o SIR elabora os seus *rankings* regionais. Dentre esses, o *Ranking Ibero-Americano de Produção Científica e Internacional*<sup>10</sup> é uma ferramenta de análise e avaliação da atividade de pesquisa das IES na região e foi elaborado sob a forma de um conjunto de *rankings* que apresenta, de forma ordenada, as atividades de pesquisa realizadas em um período. Seus indicadores foram selecionados para oferecer informação relevante aos responsáveis pelas políticas científicas e aos gestores de recursos para pesquisa com a finalidade de realçar algumas das dimensões mais importantes que caracterizam a atividade e o grau de internacionalização das IES, tais como: a produção científica, medida em número de publicações, a colaboração internacional, medida pelas publicações conjuntas com outros países, a média da qualidade científica,

<sup>10</sup>[http://www.scimagoir.com/pdf/ranking\\_iberamericano\\_2012.pdf](http://www.scimagoir.com/pdf/ranking_iberamericano_2012.pdf)





## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### ***Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad***

medida pelo impacto científico de uma instituição, sem levar em conta seu tamanho e seu perfil e a porcentagem de publicações em revistas mais influentes do mundo, medida pela quantidade e a procedência das citações que recebe. Seu objetivo é servir como ferramenta de análise e avaliação em uma dupla vertente: oferecer uma visão geral ajudando os responsáveis políticos a vislumbrar como se adéquam os resultados de pesquisa obtidos no nível institucional aos objetivos expostos nos planos, programas e políticas científicas tanto no nível institucional e nacional, como, fundamentalmente dentro do contexto ibero-americano, bem como oferecer aos responsáveis institucionais um instrumento de *benchmarking* para avaliar a adequação dos resultados obtidos na pesquisa frente aos recursos investidos, as prioridades e os desafios estabelecidos. Sua elaboração baseia-se também na análise das publicações científicas incluídas na base de dados do *Scopus*, que possui mais de 20.000 publicações, incluindo 17.000 revistas com revisão por pares, livros e atas de congressos, produzidas pela editora científica holandesa, *Elsevier*.

Os dados desse *ranking* apresentam a Espanha e o Brasil em posição de destaque na produção de ciência na Ibero América, por possuírem o grupo de universidades mais produtivas nas quais se destacam as brasileiras USP e Unicamp. As universidades desses países aparecem entre as 10 mais produtivas, sendo cinco espanholas, quatro brasileiras e uma mexicana. No que se refere à colaboração internacional, que aumenta a visibilidade e o impacto científico das instituições, e, portanto, sua internacionalização, as universidades espanholas e portuguesas se destacavam, e, no caso do Brasil, a UFRJ se apresentava como mais internacionalizada que as três primeiras colocadas brasileiras no computo geral do *ranking*. Nos índices de Média de Qualidade Científica e Porcentagem de Publicações em Revistas Reconhecidas, prevaleciam as IES espanholas e portuguesas, sendo que o Brasil, embora se destaque entre as demais nações da América Latina, onde 89% das instituições apresentam valores de citação inferiores à média mundial, aparece com apenas cinco de suas 109 instituições com uma média de qualidade científica acima da média mundial.

Em que pesem os dados aqui expostos, é nosso entendimento que IES de padrão mundial ou internacional são aquelas capazes de fazer diferença para o mundo em termos de inovação e formação de recursos humanos para o desenvolvimento científico, tecnológico e industrial, mas também por seu comprometimento com as dimensões social, cultural, de valores e política, que formem profissionais comprometidos com a sociedade. Dessa forma, a existência de algumas instituições com esse perfil no país torna-se benéfica para todo o sistema de ensino superior já que estabelecem marcos de qualidade acadêmica, interagem com instituições locais e contribuem para a formação de pessoal altamente qualificado que o retroalimenta.

O que se tem observado é que, mesmo envolvidos em polêmicas e passíveis de serem vistos com cuidado ou por outra, apenas como indicadores para o mundo acadêmico, os *rankings* vêm sendo assimilados como importantes mecanismos de visibilidade das universidades. Nesse sentido, a divulgação de uma boa posição obtida por uma IES tem servido como um incentivo aos docentes e pesquisadores, resultando na atração de bons estudantes e de importantes parcerias internacionais, o que pode se refletir num círculo virtuoso.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

No que se refere ao Brasil, cujas IES ainda vêm ocupando posições bastante modestas nos *rankings* internacionais e onde a comunidade acadêmica aparentemente não os valoriza, é observável um crescente entusiasmo daquelas melhor avaliadas em dar publicidade aos resultados alcançados. Por outro lado, tal corrida e suas consequências podem ser vistas como benéficas para as IES envolvidas, já que poderão resultar no fortalecimento do ensino superior do país e da região, como no caso da criação, em 2009, na USP, da Rede Ibero-Americana de Universidades de Pesquisa (RIDUP), que congrega 75 universidades de 12 países da América Latina e da Península Ibérica, listadas como mais produtivas, com base em indicadores internacionais e cujo principal objetivo é promover a integração institucional, proporcionando parcerias nas atividades de pesquisa que potencializarão ainda mais a consistente produtividade dessas instituições (FAPESP, 2009).

Elemento polêmico no movimento acadêmico cada vez mais provocado pelos processos de globalização ( THERBORN,2001;MILANI,2006;BARTELSON,2000), os *rankings* devem ser vistos, no que se refere às IES dos países não centrais, dentre as quais se inserem as públicas brasileiras, com a especificidade da qual são portadoras. Apartadas da lógica de mercado que rege a visibilidade perseguida por suas homólogas do hemisfério norte em busca de estudantes/clientes, que pagam anuidades e lhes ajudam a cobrir os recursos restringidos pelos cortes nos repasses governamentais, drasticamente afetados pela crise do capitalismo iniciada em 2008, nossas IES buscam prestígio, nacional e internacional que se reverta em ampliação de parcerias nacionais e internacionais e, mais que isso, recursos para suas pesquisas em prol do avanço acadêmico-científico para o desenvolvimento do país.

Por fim, há que se discutir se essa busca por modelos exógenos é pertinente ou se as questões mais urgentes do avanço na produção de ciência e tecnologia para a superação das assimetrias regionais no país nos permitem investir recursos escassos e preciosos na busca de padrões de excelência impostos pelo mercado.

#### Referências:

BARTELSON, J. Three Concepts of Globalization. **International Sociology**, v.15, n.2, 2000.

FAPESP. Sinergia Científica. **Boletim FAPESP**,23 set.2009. Disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br> . Acesso em 25 set.2009

MILANI, C. R. S. Globalização e Contestação Política na Ordem Mundial Contemporânea. **Caderno CRH**, Salvador, v.19, n.48, p.377-383, set/dez. 2006.

PORTUGAL. **Programa Nacional de Reforma**: Portugal 2020. 2010. Disponível em:<http://www.estrategiadelisboa.pt/default.aspx?site=estrategiadelisboa.>>. Acesso em: 15 nov. 2010.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

QS. Topuniversities. **QSWorldUniversity Rankings 2011/2012**. 2011. Disponível em: <[www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings](http://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings)>. Acesso em: 2 fev.2011

SADLAK, Jan. **Validity of University Ranking and its ascending impact in higher education in Europe**. Office on Science and technology (OST), vol 12, dec.2006. Disponível em: <http://www.ostina.org/content/view/1701/626>. Acesso em: 5 out. 2009.

SAISANA, M ; D´HOMBRES, B. **Higher Education Rankings: Robustness Issues and Critical Assessment**. How much confidence can we have in Higher education Rankings? Joint Research Center – Institute for the Protection and Security of the Citizen, Luxembourg, OPOCE, 2008. Disponível em: <http://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/handle/111111111/12694>  
Acesso em: 18 de dez.2009

SEBASTIÁN, Jesus. **Cooperación e Internacionalización de las Universidades**. 1 ed. Buenos Aires: Biblos. 2004.

THERBORN, G. Globalização e desigualdades: questões de conceituação e esclarecimento. **Sociologias**, Porto Alegre, v.3, n.6, p.122-169, jul./dez 2001.

UNESCO. **Higher Education in the twenty-first century: vision and action**. World Conference on Higher Education. Paris. 1998.